

Em torno dos 500 anos

A. GOMES DA COSTA

Não faz sentido alimentar polêmicas que levam a lugar nenhum em torno das comemorações do 5º centenário do Descobrimento. Mas a verdade é que para certos organismos e para o gosto de alguns intelectuais, não se deveria comemorar os 500 anos da chegada da frota de Pedro Álvares Cabral a Porto Seguro, porque, dizem eles, não existem motivos para comemorar. Pelo contrário, com o encontro de 1500 inicia-se o processo de espoliação e de violência, é quando os indígenas perdem a paz e as terras, começa o saque das riquezas pela metrópole européia e o tráfico da escravatura.

Esta é a posição de entidades que não têm nenhum compromisso com a História e que se intitulam defensoras dos direitos dos índios e dos negros. A elas aderiu a chamada "intelligentzia" amarga e ressentida, que tem a tendência de analisar a era colonial à luz dos princípios contemporâneos, sem levar em conta o tempo e os condicionaisismos em que se desenvolvem os fatos históricos em cada época.

O objetivo desses movimentos, como aconteceu no México com as celebrações colombianas, ou mais re-

centemente na Índia, com a oposição do Governo de Nova Déli a qualquer liturgia relacionada com o centenário da viagem de Vasco da Gama, é reduzir tudo aquilo que possa valorizar a presença do branco — ou melhor, do português — no processo de construção do Brasil.

Comemorar é recordar em conjunto, e, naturalmente, o alvo das comemorações não pode ser a pilhagem e a segregação étnica, o erro e a ignomínia das classes dirigentes, o abuso e a exploração, mesmo quando existiram.

Como também não pode ser o esmagamento dos autóctones e o calvário dos navios negreiros, a cilada e a traição, o cativeiro e a preagem dos nativos nas entradas e bandeiras. Comemoram-se a chegada e o achamento, a subida dos dois tupiniquins à nau capitânia e a Primeira Missa de frei Henrique de Coimbra, o deslumbramento das tripulações ante a beleza do que viam e o anúncio da Descoberta pela carta de Caminha, a epopéia e a grandeza deste país que nasce português.

É como se estivéssemos a celebrar um aniversário em família: ninguém vai, nesse dia, em torno da mesa, falar das placas da sífilis, ou lamentar que dos progenitores não se recebeu os gens dos olhos azuis e dos cabe-

los louros...

No âmbito das celebrações do 5º centenário, o que interessa é mostrar o orgulho pelo que somos — e trazer à memória os que contribuíram, não importa a origem, a cor, a religião, com seu sangue e seu trabalho, seu sonho e seus ideais, para sermos o que somos e chegar onde chegamos.

Isto não significa que tenhamos de transformar a efeméride numa apologia sinfônica e esquecer o sofrimento e a destruição, ou deixar de lamentar as perdas e os desvios dos reinóis, ou não criticar o passado, ou perder a oportunidade de refletir sobre o futuro.

A vida dos povos compõe-se de tudo: de momentos felizes e crepúsculos tristes, de altos e baixos, de sístoles e diástoles, de coerências e contradições, de acertos e descaminhos, de glórias e vergonhas. Seria, entretanto, um contra-senso não comemorar os 500 anos de existência deste país, como querem alguns, sob o pretexto de que não há nada para comemorar, ou, então, como preconizam outros, se as comemorações são inevitáveis, que se façam — mas que se façam pelo avesso: comemorem-se o drama da colonização, a morte dos índios e o martírio dos negros, as assimetrias e o latifúndio, a

exploração do trabalho escravo e a centralização administrativa, a evangelização à força e as derramas d'el-rei, a aristocracia rural e o eurocentrismo, a pilhagem e a destruição do meio ambiente.

Ora, ninguém defende que se esqueçam as mazelas do tecido histórico e que se olhe somente para o que deu certo: a geografia de Tordesilhas e a unidade territorial; a difusão da língua e o triunfo sobre os trópicos, como não aconteceu noutra lugar; a democracia racial e a cristianização — o Brasil que nossos maiores sonharam e o Brasil que temos. Mas decerto seria triste que deixássemos passar os 500 anos sem festa e sem reflexão, sem um olhar para o percurso de um país que soube vencer desafios que outros não venceram, sem uma ponta de emoção pelo Brasil que aí está — e que é nosso.

A estigmatização do passado é recurso dos que têm vergonha de sua brasilidade — e esses, ácidos por natureza, ao nascer já amaldiçoavam o colostro do seio da mãe... Como diria Fernando Pessoa na "Elegia da Sombra" — pesa neles o passado e o futuro, dorme neles o presente.

A. GOMES DA COSTA é empresário.

Class.	Data	Fonte	Sociedade	Documentação
78	30/3/2000	05/10/00		